

# POR QUE NARRAR A VIOLÊNCIA DA IDADE MÉDIA?

Leandro Rust

Apreciada como cosmético literário, a prática de narrar provoca suor científico. Afinal, narrando, realiza-se procedimentos fundamentais à elaboração do conhecimento. Ao dispor um passado como “trama dotada de rígida estrutura sequencial” (GOODY, 2009: 36), o historiador ou a historiadora organiza a matéria-prima da investigação: o *significado*. Delimita um conjunto de referências e as distribui ao longo de um desenrolar de fases precisas, entre as quais inscreve relações diversas, que podem ser de causalidade ou subordinação, finalidade ou conformidade, contingencialidade ou necessidade, conjunção ou disjunção. Constituindo – não só expressando – o conteúdo do que emergirá como passado, a narrativa operacionaliza o *controle* da evidência. Estabelece contornos de unidade e extensão para fenômenos históricos, confere objetividade a propriedades, nexos e limites de uma representação da realidade. Função correlata à montagem do

banco de dados e à verificação da hipótese. Durante o ato de narrar, a razão põe os músculos para trabalhar: sistematiza, hierarquiza, explicita e sintetiza a nebulosa de informações que se forma na observação de documentos e objetos. Torna coerente o que o tempo desfez, *acessível* que ele aboliu. Contudo, isso é desejável quando lidamos com a violência?

Repito tal pergunta para mim mesmo sem trégua. Que realização é essa que consiste em controlar e tornar acessível evidências de violência? Organizar e sintetizar não seria substituir por uma imagem artificialmente congruente, camuflando a desumanidade? Fixada a unidade e a coerência, resta espaço para o espectro do inexprimível? Acaso sem a tensão do intraduzível – sem o incômodo de que algo na violência ultrapassa a capacidade de transpor a realidade em palavras –, pode haver aversão e repúdio eficientes? Procedimentos científicos acarretam riscos. E entre os perigos frequentes está a rarefação ética. Para prevenir, é preciso indagar à queima-roupa: narrar a violência a torna

menor? Conduz a um acordo com o inadmissível? Seríssima, a dúvida sobe um degrau de gravidade quando voltamos a atenção para a Idade Média.

Pois aí encontramos a violência *naturalizada* pela escrita da história. É certeza corrente, amplamente difundida, que durante a longa Era Medieval “a brutalidade das relações humanas compõe uma linguagem social universal, considerada normal e necessária” (MUCHEMBLED, 2012: 8). Em uma afirmação como essa há uma camada de sentido na qual convém reparar. Ela faz mais do que enunciar a violência como elemento cotidiano. Diz também que atos e condutas então repreensíveis – “violência” – eram amplamente aceitos e cultivados *como tal*. Que ações censuráveis por causar dor,



RUST, Leandro. Por que narrar a violência da Idade Média?. *História e Narrativa*. In: Sacralidades Medievais (site). Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/textos-semanais>.

<https://sacralidadesmedievais.com/>

privação e perda, portadoras da marca do que poderia ser condenado e punido *pelos próprios medievais*, eram sorvidas e acomodadas como rotina, sem gerar dilema, contradição ou resistência expressiva – quer moral, emocional, religiosa, política, jurídica. *Sem ocorrer a elaboração social de um significado para a experiência humana*. Sob tal perspectiva, a violência simplesmente “estava lá”, levava populações a experimentar *automaticamente* como simples e familiar aquilo que percebiam como violação, opressão, dano, “o mal”. Quando se trata de Idade Média, a violência é estrutura e ao mesmo tempo fato, condição natural e código cultural, sentido global e circunstância local. Desprovida de singularidade, ela assume a forma de premissa, desfecho, ambiente, linguagem – raramente de foco narrativo para historiadores e historiadoras. A escassez tem algo a ver com nossa inabilidade para cogitar que haja muito por desvendar sobre esse tema. Que “A Idade Média” seja um nome para relações entre a condição humana e a violência que, desconcertantes e diversas ao que somos, desafiam nossa capacidade de explicá-las como *socialmente embasadas*.

Narrar é preciso. Se o controle da evidência e a acessibilidade do significado instauram o sério risco de simplificar a violência é precisamente porque abrem-na à razão e ao julgamento. A narrativa converte o passado em matéria sobre a qual podemos *começar a pensar*, em vez de nos limitarmos a aplicar regras e fórmulas já fixadas em nossas mentes. Narrando, enfrentamos a capacidade humana de dotar ações deletérias, nocivas e atrozidades de coerência social. Que deve ser comunicável, isto é, estar acessível à reflexão geral, ao diálogo comum e à faculdade alheia de avaliar e decidir. Narrar a violência medieval habilita a *busca por respostas específicas* para problemas e mazelas dos quais nunca estaremos inteiramente distantes, que nos envolvem como horizonte do possível, indesejável, evitável ou imprescindível. No momento em que escrevo, a sociedade brasileira triplica o número de armas em poder civil, marginaliza a extinção de povos indígenas, desobriga-se à fiscalização de forças ecologicamente destrutivas, cogita a ampliação de excludentes de ilicitude enquanto a interrupção de vidas atinge a escala de guerra. Parecemos nos ajustar à decisão: melhor fazer o mal do que sofrê-lo. Precisamos refletir sobre a violência. Talvez o julgamento sobre o que ela terá sido não caiba ao historiador ou à historiadora, mas a *responsabilidade* por mantê-la ao alcance da razão e do juízo dos contemporâneos, sim.

### **Para saber mais**

GOODY, Jack. Da oralidade à escrita – reflexões antropológicas sobre o ato de narrar. In: MORETTI, Franco (Org.). *A Cultura do Romance*. São Paulo: Cosac & Naify, 2009.

MUCHEMBLED, Robert. *Uma História da Violência: do fim da Idade Média aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

RUST, Leandro Duarte. *Os Vikings: narrativas da violência na Idade Média*. Petrópolis: Vozes, 2021.

---

RUST, Leandro. Por que narrar a violência da Idade Média?. *História e Narrativa*. In: Sacralidades Medievais (site). Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/textos-semanais>.

<https://sacralidadesmedievais.com/>

